

Estratégia e História Militar¹

L. P. Macedo Carvalho*

Trabalho apresentado no IV Encontro de Estudos Estratégicos da UNICAMP (maio de 1998)

A Estratégia é um fenômeno da História.

Tucídides

A guerra é o estado normal da humanidade. Tal como a saúde, a paz não está permanentemente assegurada; pelo contrário, encontra-se em constante risco de ser perdida. Assim, como existem diversos antídotos para evitar ou curar doenças, uma das maneiras de resolver os irredutíveis conflitos da humanidade é a guerra. Por isso, Aristóteles, em seus escritos, já preconizava que *o único objetivo da guerra é a paz*, ao tempo que Ortega y Gasset afirmava que *se a guerra é uma coisa que se faz, também a paz é uma coisa que se tem que fazer*.

Os fenômenos guerra e paz são as coordenadas da curva da evolução das civilizações. Foi pela guerra que pereceram quase todas as civilizações conhecidas e foi também pelos conflitos bélicos que se projetaram as que passaram à História.

O conceito de estratégia evoluiu muito nos últimos tempos. Surgida como, *a arte de o general preparar, desdobrar e aplicar os meios militares, a fim de alcançar os objetivos impostos pela política*, a estratégia ganhou amplas dimensões, extrapolando o campo bélico e estendendo-se ao domínio da política, da economia, do psicossocial e da tecnologia. Daí poder-se afirmar hoje, ser a estratégia *a arte de desenvolver e aplicar o poder nacional em toda a sua*

vasta amplitude, a fim de atingir os objetivos ditados pela política. Nos dias atuais, de globalização e de fragmentação, de entrecosques de civilizações, mais do que nunca se faz indispensável saber interpretar os sinais característicos da era em que se vive, ser capaz de reconhecer como a história do mundo se desenvolve, e quais são as prováveis tendências futuras da humanidade, e, ao mesmo tempo, identificar o interesse nacional para definir o *que e como fazer*, ou seja, a *política* e as estratégias. Aí avulta a importância de se possuir uma visão global da História Militar, para se delinear a ação política a ser desencadeada.

O estudo metódico da História Militar pode proporcionar uma valiosa visão em perspectiva para o exame

* Coronel de Artilharia e Estado-Maior. Presidente do IGHMB.

1. Selecionado pelo PADECEME.

crítico dos problemas contemporâneos.

A perspectiva histórica conduz ao senso de equilíbrio e encoraja a visão de longo alcance; contribui para a conscientização de que a vida transcorre segundo um processo de mudança contínuo, ajudando, assim, a contrabalançar o excessivo otimismo, ou o excessivo pessimismo, em relação aos acontecimentos correntes. Mais ainda, ajudará a reavaliar os valores utilizados para pesar os feitos, os métodos e as decisões. Protegido do calor e das paixões dos argumentos partidários, pode-se por exemplo, compreender algumas das vantagens e das dificuldades da subordinação das forças militares a uma direção civil.

O estudo da História contribui, no processo global intelectual, para chegar-se a um julgamento abalizado. Melhor do que testar hipóteses em busca de tendências futuras, a História trabalha com causa e efeito de fatos. Uma atenta leitura da História Militar pode auxiliar o desenvolvimento do que *Lidell Hart* denominou *abordagem científica*, a respeito de que se questione ser possível aprender estratégia em livros-textos da mesma ma-

neira que se adquire conhecimentos acadêmicos.

Vale salientar que o estudo de História Militar envolve mais do que meramente testemunhos operacionais. Compreende, também, o estudo de aspectos institucionais do estamento militar e das relações entre civis e soldados, na paz e na guerra, do sistema militar forjado pela sociedade e as opções estratégicas e táticas adotadas em operações.

Em suma, o estudo de História Militar apresenta tanto valor educacional como utilitário. Permite apreciar a guerra como um todo e relacionar suas atividades em períodos de paz, dos quais irrompe e aos quais, inevitavelmente, retorna.

A História Militar também ajuda a desenvolver um modo de pensar profissional ou seja, uma atitude mental. No campo da liderança, mostra a grande importância do caráter e da integridade. Estudada em profundidade a História Militar permite ver a guerra, segundo a decantada expressão de Clausewitz, *como um camaleão, um fenômeno que alimenta e suga a sociedade que a provoca*.

Ao longo dos tempos, a História Militar teve altos e

baixos e desempenhou importante papel na formação de chefes militares e líderes políticos.

No período entre as duas guerras mundiais, ocupou lugar de relevo nos currículos dos principais estabelecimentos de ensino militar como um simples prolongamento da história política, em resposta à definição que *Clausewitz* deu à guerra. Daí resultou um certo enclausuramento do seu estudo.

Após a Primeira Guerra Mundial, nos trabalhos universitários, o estudo da guerra ficou restrito, durante muito tempo, ao domínio da História Geral. A História Militar orientou-se para o lado técnico, ficando restrita quase que exclusivamente aos historiadores militares.

No início deste século, a opinião pública mostrava-se desinteressada pela História Militar, exceto na Alemanha, vitoriosa de 1870, e na França, animada por um espírito revanchista.

Apesar de a Primeira Guerra Mundial ter suscitado a publicação de inúmeras obras – biografias, memórias e estudos de inegável valor – as pesquisas em História Militar nas universidades foram raras, arrimadas por certa repulção ao holocausto

de 1914-1918, dando margem ao conseqüente surgimento de um espírito antimilitarista ou pacifista, sendo o estudo da guerra quase banido dos programas universitários.

Dessa forma, em 1940, a França se preparou para a guerra que passara e não para a futura conflagração mundial. Acusa-se injustamente a História Militar de ser responsável pelos erros cometidos, sem levar-se em conta que o curso de História Militar da famosa *École Supérieure de Guerre* de Paris havia sido extinto.

Nos anos posteriores ao conflito de 1939-1945, a matéria não recebeu tratamento igual em toda parte.

Na União Soviética e nos países do Leste Europeu, o estudo de História Militar foi estimulado como meio de propaganda. Nos países anglo-saxônicos, diante da desmoralização e das campanhas contra o serviço militar obrigatório, os interesses se concentraram nos efeitos da guerra sobre as populações. Apenas a Sociologia e a Psicologia deram mais atenção ao fenômeno guerra, aparecendo a figura de *Janowitz*, nos Estados Unidos, e *Gaston Bouthoul*, na França.

Após 1917, a guerra tomou outra feição, sob a influência de Lenin, Mao Tsé-tung e Che Guevara, não fazendo distinção entre civis e militares ou entre tempo de guerra e de paz, enfatizando a subversão, a resistência e o terrorismo. Tal transformação levou os pensadores militares a se interessar pelo estudo de uma nova modalidade de guerra, a guerra revolucionária, em seus aspectos sociais, morais estruturais e não conjunturais.

Não obstante, de maneira geral, a História Militar não recebeu a merecida atenção. E isso deveu-se, em parte, à explosão das informações nas múltiplas áreas de conhecimento, que compeliu os militares a dominá-las e, por outro lado, ao predomínio da especialização sobre a generalização, resultante do avanço desenfreado da ciência e da tecnologia, fatores determinantes da revisão dos currículos escolares. Ademais, o estudo das experiências passadas tornou-se irrelevante. Nas academias e institutos de altos estudos militares, o ensino e a aprendizagem da História Militar ficaram limitados a apresentações de casos históricos sem maior profundidade, na introdução de certas uni-

dades didáticas, para despertar a motivação dos discípulos. As universidades nenhuma ou pouca atenção lhe deram até algumas décadas atrás, sob o pretexto de ela se restringir à análise das batalhas, o que interessava apenas aos profissionais das armas.

Os militares estão pagando elevado preço por haverem negligenciado o estudo da História Militar na formação dos seus quadros de oficiais de estado-maior e sentem a necessidade de rever os currículos de diversos cursos, acrescendo-lhe a carga horária que tão importante disciplina reclama. O estudo da História Militar proporciona ampla base cultural e técnico-profissional e desenvolve o poder de análise e percepção, contribuindo para a tomada de decisões em situação crítica.

Nas últimas décadas deste final de século e de milênio, constata-se, em todo o Primeiro Mundo, um despertar generalizado nas escolas militares e nas universidades para o estudo da História Militar, experimentando, os cursos de pós-graduação nesse ramo da História, crescente demanda, particularmente por civis.

A situação começou a mudar na década de 70. Em consequência dos movimentos contestatórios de 1968, os cursos de História Militar no âmbito das Forças Armadas

compreendessem a especificidade da psicologia dos combatentes, enquanto que os académicos transmitiam aos militares a sua grande problemática e os seus mé-

nazismo. A pesquisa foi incentivada mas também controlada, ao contrário do que ocorreu nos países anglo-saxónicos, onde a História Militar oficial se mostrou muito mais discreta, havendo ampla liberdade de pesquisa.

Em geral, pode-se dizer que a tutela oficial sempre se mostrou menos intensa no estudo de épocas antigas do que no das mais recentes.

Os militares estão pagando elevado preço por haverem negligenciado o estudo da História Militar na formação dos seus quadros de oficiais de estado-maior e sentem a necessidade de rever os currículos de diversos cursos, crescendo-lhe a carga horária que tão importante disciplina reclama.

foram reavaliados e jovens oficiais sentiram-se encorajados a se graduarem nas universidades.

Na realidade, as coisas não foram assim tão fáceis. Os encontros entre militares e universitários viram-se marcados por uma certa incompreensão. A história dos militares afigurava-se aos soldados como um complemento útil porém secundário à História Militar. Nas Universidades, por outro lado os pesquisadores não arriscavam a incursionar fora da história social das Forças Armadas para abordar o aspecto capital da História Militar ligado à finalidade das instituições militares, que é o estudo da guerra.

Mas ao final, todos lucraram. Os militares fizeram com que os universitários

todos de pesquisa. O resultado dessa troca de experiências redundou no progressivo desenvolvimento da História Militar que, pouco a pouco, incorporou aspectos da História Geral.

Assim começou a florescer a História Militar nas Universidades. Nelas surgiram centros de estudo de defesa nacional e de História Militar, como o de *Montpellier*. Todavia, os académicos que responderam ao apelo foram, sobretudo, os juristas e os sociólogos – nem tanto os historiadores.

Nos países totalitários do Leste, a palavra de ordem foi dar uma interpretação marxista aos fatos, bem como exaltar os sacrifícios efetuados durante as guerras de libertação e na luta contra o

Uma visão global da História Militar não é obtida apenas analisando-se o desenvolvimento no campo da pesquisa histórica mas, igualmente, pela confrontação entre o pensamento dos historiadores de diferentes nacionalidades. A visão da História Militar deve ser global, tanto no plano internacional como no plano temático.

Somente no princípio do século XIX ela ganhou espaço próprio. Coube a Jomini, o famoso *adivinho de Napoleão*, a divisão da História Militar em três grandes categorias: *História das Batalhas*, *História da Arte da Guerra* e *História Político-Militar*. Enquanto o suíço Jomini dedicou-se à estratégia militar, o prussiano Clausewitz voltou-se para o

desenvolvimento da teoria da guerra, ocupando-se dos aspectos básicos dos conflitos entre as nações.

Até o princípio do século XX, reduzido número de pensadores se preocupou com a ampliação do campo da História Militar.

Em 1914, surgiram as primeiras tentativas de relacionar a História Militar com a política externa das nações e a arte da guerra. Na Alemanha, *Hans Delbrück* alargava os domínios da História Militar, ao pesquisar a correlação das operações de guerra com a política. Na França, *Jean Jaurès*, o líder socialista da época, desenvolveu a teoria de que as instituições militares só seriam reconhecidas quando traduzissem as aspirações nacionais, fazendo ressurgir o conceito de nação em armas.

Após a Primeira Guerra Mundial, o russo *Frunze*, legando o nome à Academia Militar de seu país, lançava os fundamentos de novo conceito de História Militar, com base na linha do pensamento marxista-leninista e no princípio clausewitziano de que *a guerra é a extensão da política*. Embora, ao final da Segunda Guerra Mundial, *Stalin* refutasse o princípio

da teoria de *Clausewitz*, dado ao sentimento anti-germânico reinante na União Soviética, os russos defendem a abordagem da História Militar como o inter-relacionamento do poder militar com o político. Até então, a História Militar era encarada como um meio para se avaliar o poder relativo de combate entre beligerantes, restrito ao estudo das batalhas e campanhas.

A História Militar como fundamento para o estabelecimento de doutrina militar só viria, realmente, a aparecer na Inglaterra, durante a década de 20, com *J. F. C. Fuller*, que advogou a transformação da arte da guerra em ciência para seu melhor entendimento e aplicação.

Na virada do século, os norte-americanos *Alfred Thayer Mahan* e *Walter Millis* buscaram relacionar a História Militar com a Estratégia e a Política.

Depois da Guerra da Coreia, a História Militar entrou em declínio, por causa do pensamento dominante de que se tratava de disciplina voltada exclusivamente para o estudo da guerra em si, a despeito da ampliação do seu campo.

O conflito do Vietnã veio contribuir sobremodo para se retomar o debate a respeito da natureza da História Militar, acentuando a importância da análise da relação entre a guerra e a sociedade, entre o cidadão e o soldado.

A corrida armamentista nuclear e a Guerra Fria impuseram nova interpretação da História Militar e a reavaliação do seu estudo.

Em 1971, o imaginativo crítico *Peter Paret* salientou que a História Militar vinha despertando mais atenção dos civis que dos militares. Paradoxalmente, enquanto crescia o interesse nos meios acadêmicos civis pelo assunto, este decrescia nos estabelecimentos de ensino militar. As universidades criavam e estimulavam os primeiros cursos de pós-graduação em História Militar.

Na atualidade, o conhecido historiador inglês *John Keagan*, sustentando as premissas de que a guerra é um conflito de culturas e de que *a história controvertida dos conflitos de personalidade da Segunda Guerra Mundial ainda não foi escrita*, bem como a propalada teoria de *Huntington do choque das civilizações*, volta-se a aguçar a atenção da comunidade

acadêmica para o estudo de História Militar.

Este *fin-de-siècle*, usando a expressão criada por Paul Verlaine ao término do século XIX como sentido de decadência, não sugere realidade diferente.

O quadro acre de hoje que se configura no horizonte é de cinzas e melancolia, apesar da revolução da bioengenharia, da cibernética e da informática. Os Estados-nação, após décadas de confrontos e de esforços pela paz mundial, não encontraram ainda uma solução definitiva para o bem comum, permanecendo o mundo em crise.

Assim, passa-se da euforia que os avanços científico-tecnológicos trouxeram com a globalização e a modernização, para a desesperança conseqüente do alastramento do fantasma do desemprego e da permanente ameaça de instabilidade sócio-político-econômica, que leva a uma atitude cautelosa de expectativa quanto ao porvir. O futuro se afigura tão incerto como ao final do século passado. Fala-se em fim da História, com a queda do muro de Berlim, o desaparecimento fictício das ideologias e o início de nova era de paz e

prosperidade internacionais. Mas, se o padrão de vida da humanidade não melhorar sensivelmente a médio prazo e se a justiça não prevalecer, não há dúvida de que o mundo, infelizmente, caminhará em direção a novos conflitos. Dessa forma, é recomendável difundir-se o estudo da História Militar entre civis e militares, de modo a torna-la um instrumento mais útil no relacionamento futuro entre o soldado e o Estado.

A História provém da História Militar, ensinava Pedro Calmon.

